

UM PUNHADO DE BALAS: TEMPORALIDADES QUEER E INTIMIDADES A PARTIR DO VÍRUS

A handful of bullets: queer temporalities and intimacies based on the virus

Sol Huerta

Graduando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9107-341X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2541334041320770>

Introdução

“In the bookstore/ while you are reading and I am allowing myself/simply to be comforted by the presence of stories, /the bound, steady presences on the shelves, fixed as nothing else is, I am thinking of my terror/ of decay, the little hell opening in every violated cell, / the virus tearing/ away –is it? – and we are still a part of the meadow/ because I am thinking of it, hearing/” (Doty 1993)

O presente ensaio tem como pretensão discutir a figura do vírus a partir de um olhar queer, enxergando nele uma queeridade e capacidade de movimentar discussões de gênero, sexualidade, política, e até mesmo temporalidade. A partir da noção de como as distinções de vida e não vida são dependentes do dispositivo da sexualidade (Povinelli, 2023) e de um processo de mapeamento de práticas artísticas marcadas pela intimidade, tempo e a experiência da AIDS, busca-se pensar as relações tentaculares que se constroem entre humanos e não-humanos, compreendendo que os acoplamentos virais fazem parte e constroem uma rede emaranhada de figuras de barbante (Haraway, 2023).

Primeiro, parto do vírus, talvez em um exercício invariavelmente fadado ao fracasso de deslocamento do antropocentrismo. Essa figura de um inimigo incontrolável, que corrói as distinções entre vida e não-vida, transita entre elas e simultaneamente as movimenta. Se o vírus pode ser e é figurado como Terrorista, invasor, aquele que é verdadeiramente capaz de balançar as estruturas de uma sociedade (Povinelli, 2023), ao evidenciar a fragilidade das estruturas, da vida e do próprio ser humano, ele expõe “não mais o homem como rei da criação, mas sim o homem como aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas e de todos os gêneros [...] eterno auxiliar das máquinas



do universo” (Deleuze; Guattari, 2010). Desta, forma, o vírus, em todas as potencialidades a ele atribuídas, é capaz de revelar o quanto valem corpos queer e racializados para o Estado bio-necropolítico, e de que forma são construídas as políticas tentaculares em torno dos agentes virais; de que forma, afinal, o dispositivo da sexualidade compõe a forma na qual as práticas científicas e estatais se relacionam com o vírus.

A modernidade assume uma posição axiomática da acumulação do progresso, dependente de uma temporalidade linear, uma futuridade construída a partir de uma heteronormatividade cis-reprodutiva. As nossas noções de tempo e vida estão marcadas pelo dispositivo da sexualidade, centradas no potencial reprodutivo e reforçadas pelas práticas biopolíticas de controle dos corpos e suas vitalidades. Lidamos com a finitude corpóreo-existencial a partir desta fantasia fantasmagórica de um futuro legacionista. A capacidade de reproduzir representaria não apenas matriz dos seres vivos, mas da vida (Foucault, 1988, p.88), e desta forma, corpos queer são jogados para e transitam uma fronteira de vida e não-vida, imbuídos de um potencial destrutivo e apocalíptico de romper com esse futuro. Corpos queer conectam-se entre si nesse espaço-tempo limítrofe, experienciando temporalidades próprias e estabelecendo relações de parentesco.

Halberstam (2005) atribui o surgimento de um tempo opositor às lógicas heteronormativas de reprodução familiar às comunidades gays afetadas pela AIDS na epidemia da década de 80, de forma que ambas morte e vida ganhariam contornos próprios. Desta forma, a experiência do vírus se emaranha no processo da construção de intimidades, tecendo temporalidades queer próprias.

1. Um punhado de balas

“(...) gorgeous, edible. How else match that flush?/ He's built a perfection out of hunger,/ fused layer upon layer, swirled until/ what can't be tasted, won't yield./ almost satisfies, an art/ mouthed to the shape of how soft things are, /how good, before they disappear.” (Doty, 1993)

O HIV deixou marcas nas existências queer: nos corpos, nas políticas, nas relações, nos espaços ocupados, nas múltiplas formas de compreender e envolver-se com a vida, a morte e a doença. E, de outras maneiras, a epidemia dos anos 80 afetou os vírus. A relação com o Vírus é tecida simultaneamente por todos os envolvidos, de forma que a compreensão em torno dessa figura depende de suas agências, mas também das



percepções humanas, ações e políticas. Não busco, dessa forma, romantizar o vírus ou as epidemias, mas urdir que as relações de frequência prolongada a um lugar e com os aqueles ou aquilo que ali reside são uma mudança profunda de sua natureza, de forma que invadimos o espaço que habitamos e esse mesmo espaço nos invade (Coccia, 2020).

Catriona Mortimer-Sandilands (2011) introduz as ecologias queer a partir de Zita Grover, trabalhadora da linha de frente do combate a AIDS nos anos 80 e que, em uma tentativa de escapar de um passado-presente de luto, acaba reencontrando suas vivências a partir da paisagem machucada das florestas do norte, lembrando feridas de Sarcoma de Kaposi na terra revolvida, e a partir disso

“ela entendeu que seu desafio não era deixar a AIDS para trás, mas reconhecer e aceitar o impacto que ela teve em sua vida; de fato, as ressonâncias duradouras da AIDS lhe permitiram dar resposta ao desafio de amar as florestas do norte, não apesar de, mas por causa de suas feridas.” (Sandilands 2011)

Ainda pensando nos emaranhados resultantes dos acoplamentos virais, trago um punhado de balas, memórias de um corpo que se esvaece e se replica continuamente.



Figura 1: "Portrait of Ross in L.A.". Gonzalez-Torres, Felix. 1991. Instalação composta de pilha de doces.



“Retrato de Ross em L.A” evoca Ross Laycock, falecido em 1991, ano da instalação, em decorrência de complicações da AIDS. Felix Gonzalez-Torres, artista, namorado de Ross por oito anos, o rememora por uma pilha de aproximadamente 80kg de doces, peso de Ross antes de assistir o corpo dele “desaparecer como uma flor seca” (Gonzalez-Torres 1995). A instalação poderia ser exposta em mais de um lugar ao mesmo tempo, com doces diferentes, embalagens de cores diferentes – a especificidade comum a todas as exposições seria o peso aproximado e a possibilidade de uma interatividade, atrelada ao cuidado de uma constante reposição conforme o público servia-se dos doces. Há uma interação, uma troca, uma responsabilidade agencial. Torres trabalha com o peso do corpo, sua densidade. Um corpo que se esvai, e aquilo que permanece — mesmo que seja apenas um papel de bala no bolso e o gosto do açúcar. Gonzalez-Torres rememora Ross como em vida: doce e emaranhado em um ciclo de infinita finitude.

Como as lembranças de Grover de trocar as ataduras do ferimento da perna de sua amiga e o solo negro revolvido, Felix Gonzalez-Torres (1995) discorre em entrevista sobre as lesões e a perda de peso de Ross resultantes de complicações da AIDS:

(...) this beautiful, incredible body, this entity of perfection just physically, thoroughly disappear right in front of your eyes. (...) Disappear like a dried flower. The wonderful thing about life and love, is that sometimes the way things turn out is so unexpected. I would say that when he was becoming less of a person I was loving him more. Every lesion he got I loved him more. Until the last second. I told him, “I want to be there until your last breath,” and I was there to his last breath. One time he asked me for the pills to commit suicide. I couldn’t give him the pills. I just said, “Honey, you have fought hard enough, you can go now. You can leave. Die.”

2. O Penelope

Time itself has gone atomic. Time no longer has a face or hands, but it does have a rhythm, a pulse. The atoms barely moving, habituated to temperatures near absolute zero, quantum leaps – dis/continuities – define the continuous march of time. (Barad 2017)

Em 1991, Leonilson descobre ser portador do vírus do HIV. Sua existência e trabalho não podem ser reduzidos à doença, mas tampouco é possível desprezar as marcas deixadas em sua forma de ser e criar. A relação de Leonilson com a finitude, o risco e a intimidade se constroem de maneiras diferentes de Gonzalez-Torres, e ainda assim



compartilham semelhanças, ambas marcadas por uma teia de intimidades que ele mesmo borda a partir do emaranhamento com o vírus. A solidão que envolve Gonzalez-Torres também está inscrita em Leonilson, bordada em linhas de Penélope.

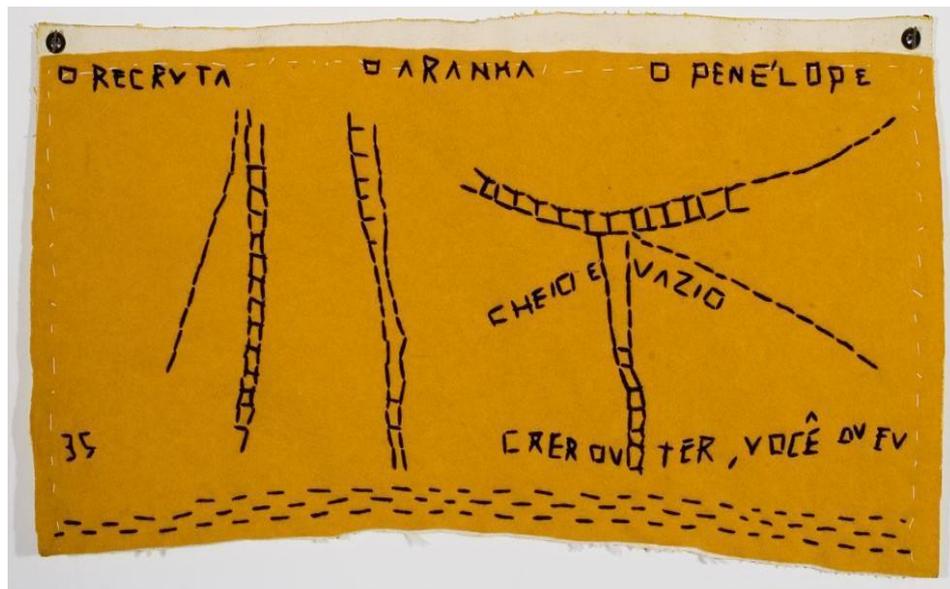


Figura 2: O Recruta, O aranha, O Penélope." Leonilson. 1992. Bordado em feltro costurado em lona.





Figura 3: “O Penélope, O recruta, O aranha.” Leonilson. 1991. Bordado em veil e lona.

O artista é O Recruta, O Aranha, O Penélope, simultaneamente, em mais de um trabalho, em mais de uma idade, marcada no canto das telas. Emaranhado em suas dicotomias “Não é totalmente familiar, nem militantemente gay, nem assumidamente católico, nem plenamente vivo dado à aids, nem morto pela força nova com que seu trabalho tem a cada dia...” (Silva 2022). Como Penélope, de Homero, ele vive e tece sua solidão, emaranhado em um ciclo de infinita finitude ele é tecelão de uma temporalidade própria, imbuída de seu próprio desmanchar.

Penélope aguarda vinte anos por seu esposo, Odisseu. Para evitar ter que se casar de novo após a guerra ter acabado ela engana seus pretendentes por anos, tecendo durante o dia e desmanchando pela noite uma mortalha para seu sogro – da qual assim que terminasse, supostamente aceitaria uma união. Ela não sabe se Odisseu está vivo ou



morto. Ela não sabe, após vinte anos, quem ele é. Mas ela, assim como Leonilson, continua seu trabalho com os fios, o criar e o destruir convivendo em um tempo próprio. O criar para destruir.

Karen Barad (2015) apresenta o *Doomsday Clock*, ou “Relógio do Juízo Final”, dispositivo não linear inicialmente criado pensando no prospecto de um apocalipse nuclear. Ele é resetado todos os anos, criando e utilizando-se de uma medida de tempo determinada pela distância de uma catástrofe global. O tempo é sincronizado para um futuro em que não há futuro. É um tempo fixado em sua própria dissolução, queer em suas fraturas. Consoante, Gonzalez-Torres evoca Ross, Leonilson incorpora Penélope.

Conclusão

A partir das obras, inseridas em um contexto da epidemia de AIDS, observa-se as relações de intimidade que se criam com o vírus, a partir do vírus, ou o perpassam, de alguma forma. Como Donna Haraway (2023), entende-se que “Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a alguma coisa”. O Vírus, em todo seu potencial apocalíptico que lhe é atribuído, é capaz também de habitar e configurar queeridades e espaços-tempo de intimidade; negando uma inércia suposta da natureza e emaranhando as divisões de vida e não vida.

Referências Bibliográficas

- Barad, Karen. 2020. “Performatividade Queer da Natureza”. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*.
- _____. 2015. “Transmaterialities: Trans*/Matter/Realities and Queer Political Imaginings”. *A journal of lesbian and gay studies*, 01 de junho de 2015.
- Coccia, Emanuele. 2020. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes Editora.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. 2010. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34
- Doty, Mark. 1993. *My Alexandria*. Illinois: University of Illinois Press.
- Gonzalez-Torres, Felix. 1995 . “Felix Gonzalez-Torres by Ross Bleckner”. Entrevista por Ross Bleckner.



- _____. 2022. *(Untitled) Portrait of Ross in L.A* - 1991, instalação composta por pilha de doces embalados em diferentes cores. The Felix Gonzalez-Torres Foundation, Art Institute Chicago. Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/152961/untitled-portrait-of-ross-in-l-a>
- Halberstam, Jack. 2005. *In a Queer Time and Place*. New York: New York University Press.
- Katz, Jonathan David & Rock Hushka. 2015. *Art AIDS America*. Seattle: University of Washington Press.
- Leonilson. 1991. *O Penélope, o Recruta, o Aranha* - bordado em veil e lona, 50cm x 18cm (fotografia de Vicente de Mello).
- _____. 1992. *O Recruta, O Aranha, O Penélope*, bordado sobre feltro costurado em lona, 30,00 cm x 47,00 cm. Sergio Guerrini (reprodução fotográfica). Acervo Itaú Cultural.
- Luz, André, e Cordeiro, Aline. 2021. “Leonilson: uma obra biográfica ou política?”. *Revista Concinnitas*.
- Povinelli, Elizabeth. 2023. *Geontologias: um réquiem para o liberalismo tardio*. São Paulo: Ubu Editora.
- Sandilands, Catriona. 2011. “Paixões Desnaturadas? Notas para uma ecologia queer.” *Estudos Feministas*.
- Silva, Lúcio da. 2022. “*Leonilson expandido*.”. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará.

